

BOLETIM GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL: HISTÓRICO, PRODUÇÃO E PERSPECTIVAS

Fernando Dreissig de Moraes
Geógrafo e Licenciado em Geografia (UFRGS); Mestre em Geografia (UFRGS)
Geógrafo da Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã - RS-
E-mail: fernando-moraes@seplag.rs.gov.br

RESUMO

Este artigo objetiva realizar uma análise sobre o “Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul”, publicação editada entre 1955 e 1980 pela atual Divisão de Geografia e Cartografia do Estado do Rio Grande do Sul. Essa análise é feita basicamente a partir de três eixos: histórico, produção bibliográfica e perspectivas futuras. Para realizar este estudo, foram analisadas 23 edições divididas em 18 volumes, no qual foi organizado um pequeno banco de dados onde foram identificados nome de artigos, autoria, formação/função do autor e breve resumo do texto. Também realizou-se pesquisa bibliográfica para contextualizar o contexto científico do campo da Geografia ao longo da trajetória do Boletim. Com as informações e análises realizadas, foram apresentados gráficos e tabelas que demonstram o perfil da publicação. Também foi possível perceber a influência que algumas correntes teóricas tiveram nos trabalhos publicados, como a chamada geografia tradicional e também a geografia teórica. Para o futuro, o contexto do acesso aberto a periódicos facilita o compartilhamento de conhecimento e proporciona um maior intercâmbio entre Estado, acadêmicos e cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: periódico; produção bibliográfica; acesso aberto; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This paper aims to perform an analysis of the "Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul" , a publication edited between 1955 and 1980 by the current Division of Geography and Cartography of Rio Grande do Sul State. This analysis is primarily based on three parts: history, bibliographic production and future prospects. To conduct this study, 23 editions, divided into 18 volumes, were analysed and organized in a small database where name articles, authoring, graduation/function of the author and brief summary of the text were identified. Literature search was also conducted to contextualize the scientific context of the field of geography along the trajectory of the Bulletin. With the information and analyzes, graphs and tables showing the profile of the publication were presented. It was also possible to see the influence of some theoretical currents were published in works such as the so-called traditional geography and also the quantitative geography. For the future, the context of open access journals facilitates the sharing of knowledge and provides a better communication between state, academics and citizens.

KEY-WORDS: journal; bibliographic production; open access; Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva realizar uma análise qualitativa e quantitativa sobre a produção bibliográfica do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul (BGRS) e o seu contexto de reativação. Essa tarefa é basicamente realizada observando três fundamentos: histórico, produção bibliográfica (técnica e científica) e perspectivas futuras.

O BGRS foi uma publicação editada pela atual Divisão de Geografia e Cartografia (DGC)¹ do Estado do Rio Grande do Sul entre 1955 e 1980. Neste período, foram lançados 23 números contendo artigos, resumos, transcrições, notícias e legislações que representavam parte do conhecimento técnico e científico produzido no campo da Geografia em âmbito estadual.

Número	Período correspondente
1	julho - agosto de 1955
2	janeiro - fevereiro de 1956
3	março - abril de 1956
4	maio - junho de 1956
5	setembro de 1957
6 & 7	janeiro - junho de 1958
8	julho - outubro de 1958
9 & 10	janeiro - dezembro de 1959
11	janeiro - junho de 1961
12	julho - dezembro de 1963
13	janeiro - dezembro de 1963
14	janeiro - dezembro de 1971
15	janeiro - dezembro de 1972
16	janeiro - dezembro de 1973
17	janeiro - dezembro de 1974
18	janeiro - dezembro de 1975
19	janeiro - dezembro de 1976
20, 21, 22 & 23	janeiro de 1977 - julho de 1980

Quadro 1: Edições do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul

Além da produção técnico-científica de servidores estaduais das áreas afeitas à temática do Boletim, importantes professores e pesquisadores no cenário nacional e local também tiveram suas contribuições publicadas no periódico, fato que atesta o seu reconhecimento perante a comunidade

1 O setor anteriormente fora denominado como Serviço Estadual de Geografia e Unidade de Geografia e Cartografia, sendo órgão presente na estrutura da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul até agosto de 2012, quando foi transferido para a Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã. Também é importante destacar que, no período de atividade do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, o Diretório Regional de Geografia estava sediado na referida secretaria.

da Geografia e de áreas afins, principalmente a História, a Geologia e a Cartografia. Entre alguns autores, pode-se destacar Pierre Monbeig, Orlando Valverde, Antônio Christofolletti, Lysia Bernardes, Jorge Chebataroff, Dante de Laytano, Walter Spalding, Kléber Borges de Assis e Pedro Geiger.

Para realizar este estudo, foram analisadas 23 edições divididas em 18 volumes, pois existem algumas edições que foram agregadas em um mesmo tomo, como é o caso dos números 6 e 7 (referentes ao período janeiro-junho de 1958); 9 e 10 (janeiro-dezembro de 1959) e 20, 21, 22 e 23 (janeiro de 1977-junho de 1980). Sob posse dessas publicações, foi organizado um pequeno banco de dados em que foram identificados o nome dos artigos, autoria, formação/função do autor e breve resumo do texto. Também realizou-se pesquisa bibliográfica para abordar teoricamente o contexto científico do campo da Geografia ao longo da trajetória do Boletim. Esses procedimentos serão apresentados de maneira mais aprofundada posteriormente.

O presente artigo está estruturado a partir de quatro eixos. Primeiramente, realiza-se uma abordagem sobre o contexto de criação do BGRS do ponto de vista histórico e científico, analisando também de que maneira as transformações na ciência geográfica foram repercutidas nas páginas do Boletim. Em um segundo momento, são apresentadas algumas estatísticas a respeito dos trabalhos publicados no periódico, apresentando gráficos, tabelas e análises, buscando-se elaborar um perfil da publicação. A seguir, procura-se expor mais detalhadamente alguns autores com maior produtividade e seus respectivos trabalhos. Por fim, busca-se apontar perspectivas para o Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul no contexto do acesso aberto e da publicação eletrônica de periódicos.

O CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO BOLETIM GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

A criação do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, em agosto de 1955, deve ser compreendida dentro de um contexto de forte valorização da Geografia enquanto área do conhecimento em âmbito nacional. Para melhor entender esse panorama, deve-se remontar a um período anterior, mais especificamente à década de 1930, momento em que a Geografia se consolida como campo científico no Brasil.

Em 1934, foi criada a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), mesmo ano em que foi instituído o curso de Geografia na Universidade de São Paulo. E no ano seguinte é a vez da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) iniciar o seu curso. Nesse momento, durante o primeiro período de Getúlio Vargas como Presidente da República, a disciplina

passa a ter importância estratégica para o projeto modernizador apoiado por Vargas. Para isso, era necessário possuir informações e dados confiáveis acerca do território nacional. A fim de atender a esse objetivo, em 1934, havia sido criado o Instituto Nacional de Estatística, que efetivamente começou suas atividades em 1936 com a criação do Conselho Nacional de Estatística (IBGE, 2014). Naquele mesmo ano, segundo Evangelista (2012), surgiu a proposta da construção de um Conselho Nacional de Geografia, com o objetivo de promover uma maior articulação entre os trabalhos de cunho estatístico e geográfico. Em 1937, foi publicado o Decreto criando o referido Conselho como parte integrante do Instituto Nacional de Estatística. Em 1938, a junção dos dois forma o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, permanecendo a denominação até hoje. Como afirma Moraes (1991, p. 171), “tais atos, interligados, rapidamente conformam uma comunidade de geógrafos no país”.

A formação do IBGE é importante para compreender a posição da Geografia no Brasil naquele período. E a questão da divulgação desses conhecimentos era um ponto chave. Assim, já em 1939, cria-se a Revista Brasileira de Geografia (RBG), publicação de caráter trimestral do IBGE. Em sua primeira edição, datada de janeiro daquele ano, está exposta a Resolução Nº 18, que autoriza a publicação da Revista. Este documento expõe algumas considerações que justificam a ação e, ao mesmo tempo, contextualizam a importância do conhecimento geográfico naquele momento. Entre elas, destacam-se: a maior facilidade para popularização dos conhecimentos da ciência geográfica; o fato de as revistas ilustradas serem a norma de divulgação universalmente adotada por instituições geográficas; e a necessidade de difusão da metodologia geográfica moderna (CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA, 1939).

Alguns anos depois, uma nova publicação é criada pelo IBGE. Trata-se do Boletim do Conselho Nacional de Geografia, que possuía periodicidade inicialmente mensal e cuja primeira edição foi lançada em abril de 1943. Embora apresentasse uma estrutura editorial semelhante à da RBG, o Boletim tinha um caráter mais diversificado. Enquanto a revista priorizava artigos e comentários, o Boletim tinha um enfoque voltado inicialmente para transcrições, resenhas, opiniões, contribuições didáticas, informações e noticiários, conforme pode ser observado já em sua primeira edição.

Após a iniciativa do IBGE na criação da Revista e do Boletim, surgem outras publicações periódicas de Geografia no âmbito das Unidades da Federação, como o Boletim Carioca de Geografia, em 1948, e o Boletim Paulista de Geografia, em 1949, ambas editadas por seções locais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. No Rio Grande do Sul, somente em 1955 haveria uma

publicação com este enfoque: o Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul.

HISTÓRICO DO BOLETIM GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Em agosto de 1955, através da iniciativa do Diretório Regional de Geografia² e do Serviço Estadual de Geografia, foi lançada a primeira edição do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul. Naquele momento, a conjuntura da ciência geográfica apresentava uma grande valorização às monografias regionais, que eram trabalhos com enfoque descritivo, possuindo importância estratégica para o conhecimento do território. No editorial do primeiro número, o redator Hans Augusto Thofehn destaca que o Boletim “tem por objetivo a incentivação dos estudos geográficos e do levantamento básico do Estado” (THOFEHRN, 1955). Neste mesmo editorial também se ressalta a importância da publicação para o desenvolvimento econômico, político e cultural do Estado.

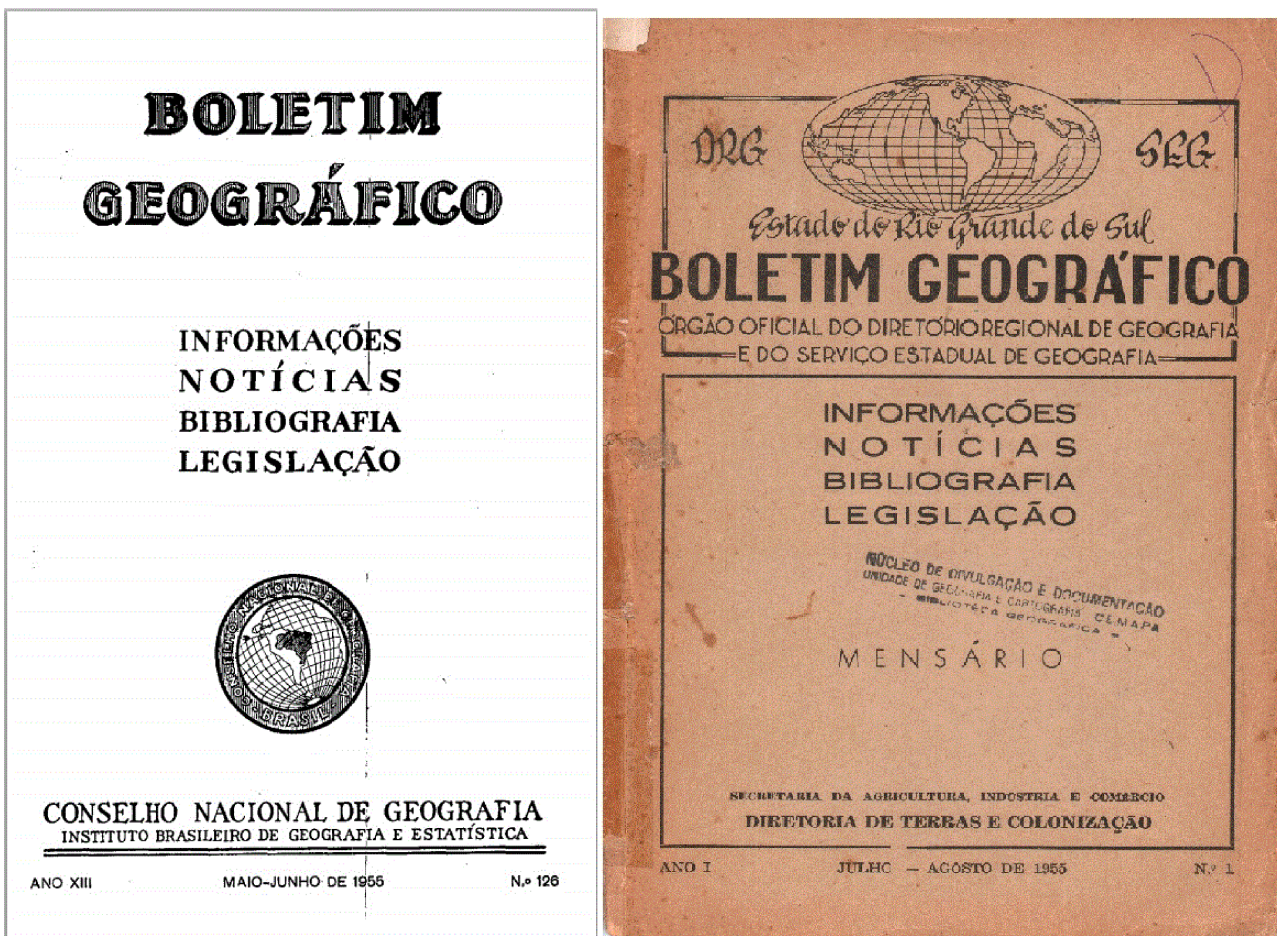
No verso da capa da primeira edição, além de informações referentes à equipe de redação, são apresentadas as finalidades do BGRS: “Difusão de trabalhos geográficos originais e transcrições, publicações de Atas, Leis e Resoluções referentes à Geografia” (BOLETIM GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1955, p. 2). Nessa primeira edição, logo após o editorial, há a exposição de um plano de trabalho do Diretório Regional de Geografia e a divulgação de um evento, a Semana Estadual de Geografia. Logo após, são apresentados três pequenos artigos, todos de autoria de servidores da Secretaria de Agricultura. A seguir, aparece a seção “Universitárias”, com informações referentes a cursos de graduação e à formação de geógrafos. A seção “Comunicações” apresenta informes oriundos do Diretório Regional de Geografia. Por fim, em “Transcrições”, há um relato sobre um trabalho de campo realizado pelo Geógrafo Orlando Valverde na antiga região colonial do Rio Grande do Sul

Em 1955, o Boletim do Conselho Nacional de Geografia já se chamava Boletim Geográfico, e essa é uma entre as várias características que apontam para a importância dessa publicação do IBGE como inspiração para o BGRS. Primeiramente, destaca-se a nomenclatura, já que foi acrescido apenas o nome do estado após o “Boletim Geográfico”. Em segundo lugar (e talvez a principal influência), a estrutura editorial, dividida em seções que viriam a ser reproduzidas na publicação sul-rio-grandense, tal como “transcrições”, “contribuição para o ensino”, “leis e

2 Em 1938, foram criados os diretórios regionais de geografia, subdivisões oriundas da criação do Conselho Nacional de Geografia. No Rio Grande do Sul, essa atividade ficou sediada no Serviço Estadual de Geografia, pertencente à Diretoria de Terras e Colonização da então Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Rio Grande do Sul. Este setor posteriormente seria chamado de Unidade de Geografia e Cartografia e Divisão de Geografia e Cartografia, sua denominação atual.

resoluções” e “bibliografias”. Se compararmos a edição nº 126 (maio-junho de 1955) do Boletim Geográfico editado IBGE com os primeiros números do BGRS, pode-se observar a reprodução dessa estrutura. Somando-se a isso, a semelhança entre as capas das duas publicações pode ser observada na ilustração a seguir (Figura 1):

Figura 1: Capa de edições datadas de 1955 do Boletim Geográfico (à esquerda) e do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul (à direita).



Fonte: IBGE e DGC/DG/SEPLAG

Apesar de algumas mudanças na capa e no formato (*layout*) das páginas, além da inconstância periódica (variando entre bimestral, trimestral, semestral e anual), essa estrutura fortemente inspirada no Boletim Geográfico do IBGE se manteve pouco alterada até a edição nº 13 (janeiro-dezembro de 1963), quando ocorre a partir de então uma interrupção de oito anos na publicação do BGRS. Quando o número nº 14 (referente ao período janeiro-dezembro de 1971) finalmente é publicado, pode-se observar uma profunda mudança em sua forma. Do ponto de vista estético, a capa passa a ser colorida e as páginas apresentam dimensões maiores (aproximadamente

21 x 30 cm). Em termos formais, aboliu-se a divisão em seções, embora ainda possa ser observada uma sequência inicial de artigos e, ao final do volume, a divulgação de eventos e algumas notícias. Esse padrão permaneceria apenas para os números 14 e 15 (janeiro-dezembro de 1972).

A partir do número 16 (janeiro-dezembro de 1973), inicia-se um novo padrão que seria mantido até o último lançado, em 1980. No caso, a dimensão das páginas volta a ser menor (aproximadamente 16 x 23 cm) e as capas passam a ter sempre um mesmo *layout*, contendo um recorte do mapa do Rio Grande do Sul, alterando-se apenas a cor principal.

AS TRANSFORMAÇÕES NA CIÊNCIA E SUAS REPERCUSSÕES NO BOLETIM

Ao longo de sua trajetória de 25 anos, as páginas do Boletim Geográfico testemunharam um pouco das transformações observadas no campo da Geografia. A presença massiva de um paradigma tradicional e descritivo foi permeada, no decorrer do tempo, pela linguagem mais quantitativa da chamada corrente “teorética” da Geografia. A análise das edições destacadas no presente trabalho permitiu verificar qual foi o peso dessas transformações e como ela se apresentou no BGRS.

Em 1955, ano em que o Boletim foi lançado, o paradigma predominante na Geografia desenvolvida no Brasil era o da chamada vertente “clássica” ou “tradicional”, ainda dentro de uma sequência sem rupturas significativas desde o seu estabelecimento no cenário nacional, durante a década de 1930. Esse corrente foi altamente inspirada pela chamada “Escola Francesa”, influência devida de sobremaneira à atuação de geógrafos e professores franceses como Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, que ajudaram a criar os primeiros cursos superiores e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

Esse momento foi caracterizado pela grande quantidade de estudos sobre regiões, paisagens e cidades. As monografias regionais eram o tipo de estudo mais comum naquele período; apresentavam um caráter fortemente empírico, menos preocupado com teorizações e mais atento ao trabalho de campo como base de seus estudos. Sobre a importância desse procedimento, afirma Abreu:

Esse trabalho no campo (...) sintetiza bem o que seria, de 1934 em diante – e por um bom tempo! - o trabalho geográfico *par excellence* no Brasil. Com efeito, diretamente influenciada pela geografia francesa, já tradicionalmente refratária à teorização, a geografia brasileira fez do trabalho de campo, do contato direto com a observação, uma atividade não apenas fundamental de pesquisa, como também de aprendizado. Não seria exagero afirmar que foi no trabalho de campo – e não nas faculdades – que a primeira geração de geógrafos obteve verdadeiramente, a sua formação (ABREU, 1994, p. 205, grifo do autor).

Entre os diferentes tipos de monografias, havia aquelas dedicadas ao estudo das cidades: as

chamadas “monografias urbanas” apresentavam uma estrutura bastante padronizada, sendo resultado da superação de algumas etapas metodológicas, característica marcante nos trabalhos pelo método comumente apresentado por Pierre Monbeig: o sítio, a posição, a evolução histórica, a fisionomia e estrutura, as funções urbanas e o raio de ação da cidade (ABREU, 1994), estrutura muito semelhante aos trabalhos publicados no BGRS por Thofehn (1957), Busatto (1957), Alunos do Curso de Geografia e História da PUCRS (1958), Juvêncio (1959), Moreno (1959), Fagundes (1961) e Hausman (1961) e que também foram alvo de reflexões desenvolvidas por Pacheco (1961) no que tange ao desenvolvimento metodológico dessas monografias.

A ascensão dos estudos regionais coincide com um período de forte apelo do nacionalismo ligado ao segundo governo de Getúlio Vargas. A ideia de interiorização, segundo Reis Júnior & Camargo (2003), acabou mobilizando uma grande quantidade de técnicos ligados ao poder executivo no sentido de promover a ocupação de locais pouco habitados. Os trabalhos técnicos também constituíam-se em projetos para assentamento racionalizado, incluindo nessa esteira a necessidade de realização de excursões para reconhecimento desses locais. Ao longo da história do Boletim, diversos foram os trabalhos que tinham um enfoque na excursão a uma determinada região ou município, como pode ser observado nos trabalhos de Valverde (1956), Juvêncio (1959) e Moreno (1972).

A presença de estudos regionais no Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul já se fazia presente no número 5 (setembro de 1957), com a publicação dos trabalhos “A Cidade de Pôrto Alegre” de Hans Thofehn (1957) e “Rumo ao Rio das Antas”, de Dionízio Busatto (1957). No entanto, é a partir do número 8 (julho-outubro de 1958) que fica evidenciada a importância desse tipo de contribuição. Cria-se uma seção exclusiva para a publicação de trabalhos deste tipo, cujo nome é uma clara referência ao seu conteúdo: “Estudos Regionais”. No total, foram 12 trabalhos publicados entre o número 8 e o número 13, último a preservar a divisão por seções e também o último antes do intervalo de oito anos de inatividade. Os estudos regionais, porém, ainda seriam presença bastante comum nas edições posteriores, embora em menor número.

Deve-se destacar também a presença de traduções de artigos de geógrafos estrangeiros cujo enfoque é o Rio Grande do Sul e que originalmente foram publicados em seus respectivos idiomas, como as contribuições do francês Raymond Pébayle e do italiano Pier Luigi Beretta. Somente entre esses dois autores, foram nove traduções, normalmente realizadas por técnicos da Divisão de Geografia e Cartografia.

Durante aproximadamente 30 anos, a Geografia Brasileira encontrou-se influenciada

significativamente pela chamada “Escola Francesa”. Contudo, a partir de meados da década de 60, um movimento de renovação surgido ainda nos anos 1950 (a chamada “revolução quantitativa”), baseado principalmente no Reino Unido e nos Estados Unidos, começa a inspirar os geógrafos brasileiros, período que também coincide com o fortalecimento dos setores de planejamento a partir do início dos governos militares, em 1964. Instaura-se o predomínio da corrente neopositivista na Geografia, também conhecida como geografia teórica ou geografia quantitativa.

A principal característica dessa corrente é o uso frequente de modelos estatísticos e matemáticos em detrimento das práticas mais empíricas utilizadas pela geografia tradicional. Esses modelos se constituíam em uma ferramenta para a compreensão do espaço geográfico. O interesse nessa busca por padrões também pode ser compreendido dentro de uma intenção de reafirmar a Geografia enquanto ciência junto a outras disciplinas, sugerindo um maior respaldo perante os demais campos do conhecimento a partir dessa quantificação dos estudos. Sobre isso, Sandra Lencioni comenta:

Imbuídos da ideia de que a matemática era uma linguagem comum a todas as ciências e de que havia uma unidade nas ciências, que tinha como referência a matemática, foi possível transferir teorias de uma ciência à outra e, assim, geógrafos procuraram incorporar à Geografia teorias alheias a ela (LENCIONI, 2003, p. 136).

A geografia teórica cresce em importância no cenário brasileiro nas décadas de 60 e 70, inclusive no âmbito governamental, como no IBGE, sob influência, de alguns pesquisadores como o economista e planejador John Friedmann, o professor John Cole e o geógrafo Brian Berry. Também foi importante nesse contexto de crescimento a reunião da Comissão de Técnicas Quantitativas, em 1971, no Rio de Janeiro, e a atuação do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no campus Rio Claro (ABREU, 1994).

Embora a corrente teórica tenha emergido em pleno período de atividade do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, suas repercussões nas páginas do periódico não pareceram muito evidentes, embora estejam presentes em algumas edições. Na prática, houve apenas dois trabalhos que apresentaram uma clara influência da geografia quantitativa: “Pesquisa das causas dos diferentes rendimentos do fumo”, de José Alberto Moreno, publicado no nº 16 (janeiro-dezembro de 1973) e “Instalação de um complexo Industrial Carboquímico e Indústrias Periféricas em Imbituba S.C.”, de Hans Thofehn, publicado no nº 18 (janeiro-dezembro de 1975).

No primeiro trabalho, Moreno apresenta os resultados, conforme suas próprias palavras, “da primeira pesquisa realizada na Unidade de Geografia e Cartografia utilizando métodos quantitativos através da Análise Fatorial e Computação Eletrônica.” (MORENO, 1973, p. 78). A pesquisa teve

como hipótese de trabalho que os rendimentos da produção do fumo deveriam variar conforme a capacidade do uso dos solos. Por possuir um caráter declaradamente pioneiro nos trabalhos desenvolvidos no setor, o autor realiza uma série de considerações metodológicas objetivando ajustes e melhorias para um novo tratamento nos dados, situação que é exposta na segunda parte do artigo.

No trabalho de Thofhern, o autor realiza um estudo sobre os condicionantes locais para a instalação de um empreendimento no município de Imbituba (SC). O trabalho é repleto de gráficos e tabelas, e o autor realiza uma análise de modelos em âmbito locacional e natural, além de elementos referentes ao clima. Também apresenta a importância e as dificuldades apresentadas por esses fatores locais.

Deve-se destacar, também, outro artigo dos mesmos autores (em conjunto com Maria Luiza Lessa de Curtis) chamado “Divisão Territorial do Rio Grande do Sul“, publicado no volume dos números 9 e 10 (janeiro-dezembro de 1959). Embora não possa ser classificado como uma influência direta da corrente teórica, o texto apresenta alguns elementos bastante representativos, como a utilização de informações quantitativas para o estabelecimento de agrupamentos de municípios gaúchos com o intuito de subsidiar ações de regionalização promovidas pelo Estado. Também merece destaque o trabalho do Engenheiro Curt Herrmann, publicado no número 4, chamado “Logaritmos”. Trata-se de um artigo que não chega a relacionar a matemática à Geografia e a outras ciências sociais. Contudo, chama a atenção a nota de redação que antecede o trabalho, em que se apresenta a “Geografia Matemática” como “(...) de grande importância na investigação sobre a verdadeira forma da terra: na geodésia, nos levantamentos e confecção de mapas” (HERRMANN, 1956, p. 59), e também valoriza a importância da familiarização da linguagem matemática por parte dos geógrafos.

Apesar de modesta em termos de publicação de artigos, a participação da geografia teórica fica mais evidente nas indicações bibliográficas e nas notícias veiculadas no Boletim. Entre os números 16 (janeiro-dezembro de 1973) e 19 (janeiro-dezembro de 1976), no mínimo havia uma sugestão de leitura de obras diretamente relacionadas à corrente quantitativa, como “Geografia Quantitativa”, de John Peter Cole; “A Análise Geográfica”, de Olivier Dollfus; “Modelos Físicos e de Informação em Geografia” e “Modelos Integrados em Geografia”, ambos de Richard Chorley e Peter Haggett. Além disso, há menções a eventos relacionados à temática, como uma palestra do geógrafo Speridião Faissol (uma das referências brasileiras no período) na Semana de Geografia de

1973 que tratou sobre métodos quantitativos e apoio de processamento eletrônico de dados, e também uma nota acerca de uma palestra sobre Teoria Geral dos Sistemas, realizada na Semana da Geografia de 1974.

No final da década de 70, emerge uma profunda crítica à postura bastante distante que a Geografia vinha apresentando diante das temáticas sociais. Tanto a geografia tradicional e sua óptica mais descritiva quanto a geografia teórica pouco tratavam de temas como injustiças sociais, produção capitalista do espaço, segregação socioespacial, entre outros que destacassem as desigualdades na sociedade. Tendo como referencial teórico o materialismo histórico, a chamada “geografia crítica” inicia seu período de predominância no cenário da produção geográfica nacional e tem como marco simbólico o Encontro Nacional de Geógrafos de 1978, realizado em Fortaleza (CE).

Com a sua última edição lançada em 1980, após um hiato de 4 anos, o Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul não apresenta qualquer sinal de influência da geografia crítica em suas publicações. Embora alguns geógrafos como Milton Santos, Ana Fani Alessandri Carlos e Arioaldo Umbelino de Oliveira tenham sido pioneiros da geografia crítica brasileira ainda na década de 70, somente nos primeiros anos da década de 80 é que essa corrente se consolida como principal matriz de produção de conhecimento geográfico no Brasil

PERFIL DA PRODUÇÃO TÉCNICA E CIENTÍFICA DO BOLETIM GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

A fim de realizar um perfil sobre a produção técnica e científica do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, organizou-se um banco de dados numéricos com informações sobre artigos e autores do periódico. Assim, foram analisados todos os números do BGRS publicados no período entre 1955 e 1980. Para efeitos de organização metodológica, foram consideradas apenas contribuições que apresentassem o registro da autoria, excetuando-se editoriais, notícias, atas de reuniões, legislações e outros elementos que não tivessem caráter técnico ou científico. Desse modo, foram encontrados 148 trabalhos de 80 autores diferentes.

Sob posse das publicações conforme já fora destacado na introdução deste artigo, foi organizada uma planilha eletrônica contendo os seguintes campos: nome do trabalho, seção de publicação, autoria, gênero, formação/função do autor e resumo do texto. A coleta de dados foi realizada a partir dos arquivos digitalizados em formato “pdf” do BGRS, obtidos em grande parte no acervo da Divisão de Geografia e Cartografia/DG/SEPLAG (16 edições) e, em menor

quantidade, na Biblioteca do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (4 edições), na Biblioteca da Fundação de Economia e Estatística Sigfried Emanuel Heuser (2 edições) e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1 edição).

Para a tabulação dos dados, com o auxílio da planilha eletrônica, analisou-se individualmente cada registro de publicação com o intuito de coletar as informações para preenchimento dos campos e para realizar um breve resumo. Eventualmente foram realizadas consultas na Internet a fim de identificar a área de atuação de autores que não fizeram esse registro ou cuja descrição não deixava clara em suas publicações. Por se tratar de trabalhos realizados há mais de 30 anos, essa identificação não foi possível para alguns autores em função da baixa quantidade ou inexistência de ocorrência do nome nos principais mecanismos de busca na Internet (Google³ e Bing⁴) ou na Plataforma Lattes⁵ de currículos acadêmicos. Nesses casos, o campo foi identificado como “não informado” na planilha eletrônica.

A classificação dos dados foi feita a partir dos seguintes critérios:

- **Autoria:** identificado a partir do nome do autor. Nos casos de autoria por grupo, os integrantes foram classificados como autores individuais caso tenham sido identificados. Do contrário, esse trabalhos foram classificados como de “autoria coletiva”. No caso de artigos traduzidos, a autoria foi dada ao autor do original;
- **Gênero:** considerou-se o primeiro nome do autor. Nos casos de autoria por grupo sem individualização, o gênero foi classificado como “indefinido”, assim como no caso de um autor identificado apenas pela inicial do primeiro nome e do qual não foram encontradas informações extras;
- **Modalidade de autoria:** classe dividida em individual (um autor) e múltipla (mais de um autor). Trabalhos de grupos, mesmo aqueles sem a individualização de autoria, foram considerados dentro da categoria “múltipla”;
- **Área de atuação:** identificado através da titulação declarada na publicação. Nos casos omissos, o preenchimento se deu através de pesquisa do nome do autor nos mecanismos de busca na Internet e na Plataforma Lattes. Nos casos de inexistência ou inconclusividade de resultados classificou-se como “indefinido”;

3 Disponível em <www.google.com.br>. Acesso em 12 de março de 2014.

4 Disponível em <www.bing.com>. Acesso em 12 de março de 2014.

5 A Plataforma Lattes é criada e mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico integrando bases de dados de currículos, grupos de pesquisa e instituições dentro de um mesmo sistema. Trata-se de uma referência para instituições acadêmicas, sendo amplamente utilizado como forma de consulta sobre áreas de pesquisa, atuação profissional e produção científica. Pode ser acessado através do endereço <www.lattes.cnpq.br> (Acesso em 12 de março de 2014).

- **Produtividade dos autores:** todos os autores foram listados e tiveram a sua quantidade de publicações ordenada.

Gênero

Em termos de gênero, observou-se que, do total de 80 autores identificados que publicaram na Boletim, 51 (63,75%) eram homens e 28 (35%) eram mulheres. Houve 1 caso (1,25%) em que não foi possível reconhecer o gênero do autor.

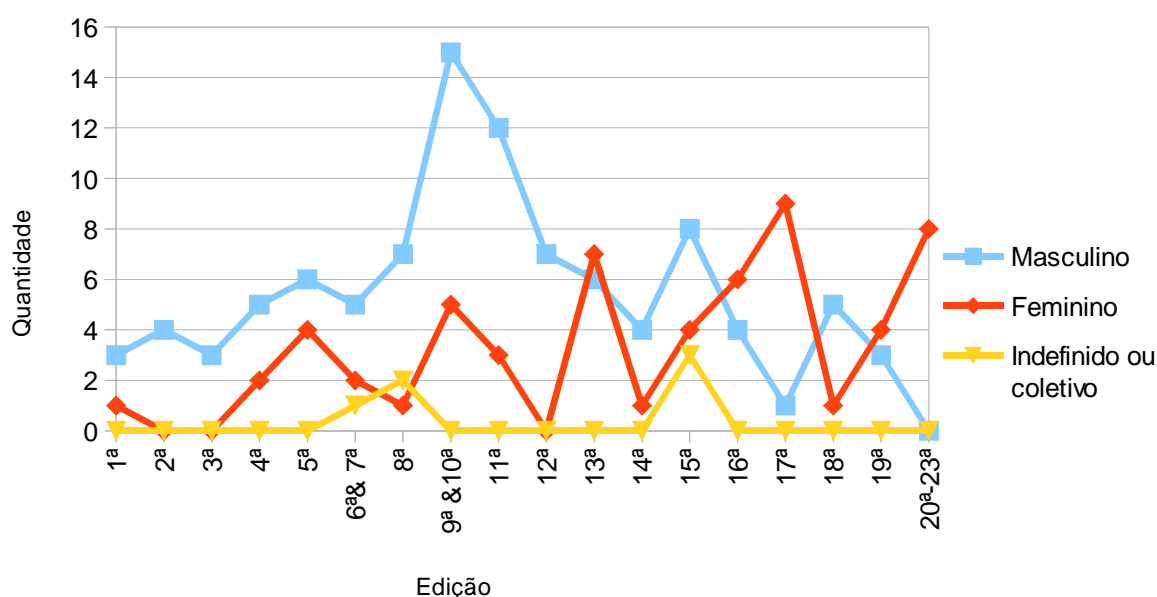
Gráfico 1: Proporção de autores por gênero. Organização: o autor.



Ao analisar essa proporção ao longo do tempo, conforme o gráfico 2, percebe-se uma mudança de tendência sobretudo a partir da 13ª edição (janeiro-dezembro de 1963). Até aquele momento, todas os volumes apresentavam uma autoria predominantemente masculina, inclusive ocorrendo três casos (2ª, 3 e 12ª) em que não havia qualquer artigo de autoria de mulheres. A 13ª edição é a primeira em que ocorre uma maioria feminina (7 autoras e 6 autores). Nos volumes posteriores, houve uma predominância de autoria feminina em quatro ocasiões (16ª, 17ª, 19ª e 20-23ª). Essa transformação é devida, em grande parte, à maciça contribuição das geógrafas da Divisão de Geografia e Cartografia, principalmente na década de 70. Apenas a título de comparação, dos 88

registros autorais⁶ publicados no BGRS até a 12ª edição, 67 (76,13%) eram de homens e apenas 18 (20,45%) eram de mulheres, além de 3 (3,41%) indefinidos ou coletivos. A partir da 13ª edição, quando há uma significativa expansão dos artigos de autoria feminina, dos 74 registros, 40 (54,05%) tinham autoria feminina e 31 (41,89%) masculina, além de 3 (4,05%) registros de autoria coletiva (sem nomeação aos autores).

Gráfico 2: Variação de autoria por gênero. Organização: o autor

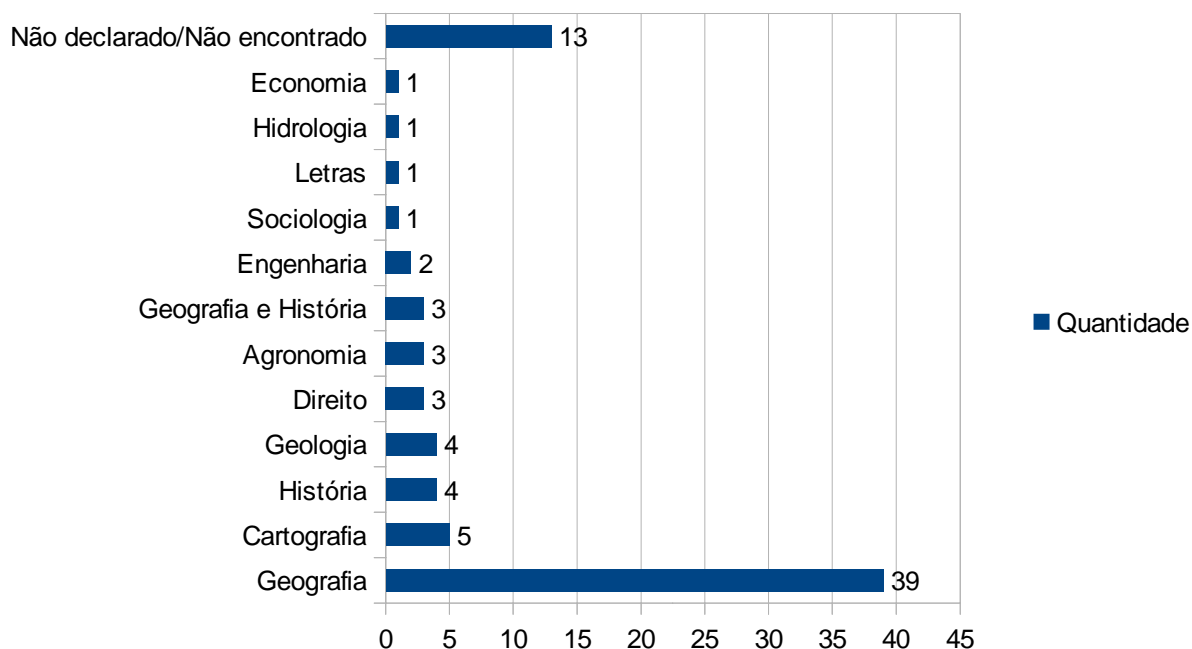


Áreas do Conhecimento

Do total de 80 autores com publicações no Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, grande parte era proveniente da Geografia: 39 autores (48,75%). Outras áreas que tiveram uma participação mais significativa foram Cartografia, com 5 autores (6,25%); História e Geologia, com 4 autores (5%); Geografia e História⁷, Direito e Agronomia, com 3 autores (3,75%).

6 É importante destacar que um mesmo autor pode ter mais de um registro autoral. Por exemplo, se um autor homem teve três publicações ao longo do período em questão, haverá três registros de autoria de gênero masculino referentes ao mesmo.

7 Era comum a existência de cursos conjuntos de História e Geografia no período de atividade do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul.

Gráfico 3: Área de conhecimento dos autores. Organização: o autor*Indicadores de produtividade dos autores*

Os autores com maior quantidade de publicações estão indicados no quadro a seguir, contendo o nome, função (conforme assinado pelo autor), instituição e quantidade de publicações:

Autores	Função	Freq.
Hans Thofehrn	Geógrafo e Cartógrafo; Secretaria da Agricultura	12
José Alberto Moreno	Geógrafo; Secretaria da Agricultura - RS	11
Raymond Pébayle	Professor; Pesquisador do Centre D'Étude de Géographie Tropicale	8
Nilbiamater Handschunch	Geógrafa; Secretaria da Agricultura - RS	8
Maria de Souza Docca Pacheco	Geógrafa; Conselho Nacional de Geografia	7
Flavia La Salvia	Geógrafa; Secretaria da Agricultura - RS	6
Eddy Flores Cabral	Professora e Técnica em Educação; Sec. de Educação - RS	4
Orlando Valverde	Geógrafo; Conselho Nacional de Geografia	4
Maria Luiza Lessa de Curtis	Geógrafa; Conselho Nacional de Geografia	4

Quadro 2: Autores mais produtivos. Organização: o autor

O geógrafo e cartógrafo Hans Augusto Thoferhn e o geógrafo José Alberto Moreno foram os autores mais produtivos, com 12 e 11 trabalhos, respectivamente. Ambos trabalharam diretamente na edição do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul.

Thofehrn foi professor, geógrafo e cartógrafo, sendo o primeiro redator do BGRS.

Executava suas ações no então Serviço Estadual de Geografia (atual Divisão de Geografia e Cartografia), na época vinculado à Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. Grande parte de suas contribuições foi publicada na década de 50. Moreno, que também foi geógrafo na Secretaria da Agricultura, teve seu primeiro artigo publicado em 1959 (volume com as edições nº 9 e nº 10), estando presente de maneira bastante regular até o número 16 (janeiro-dezembro de 1973)

Em seguida, com 8 publicações, aparecem Raymond Pébayle e Nilbiamater Handschunch. Pébayle foi um geógrafo francês que trabalhou durante 10 anos no Rio Grande do Sul (CHELOTTI, 2007), enquanto Handschunch também era geógrafa da Secretaria da Agricultura, além de professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A geógrafa Maria de Souza Docca Pacheco teve 7 publicações, e a também geógrafa Flavia La Salvia teve 6, enquanto Eddy Flores Cabral, Orlando Valverde e Maria Luiza Lessa de Curtis tiveram 4 registros (os dois últimos eram geógrafos do Conselho Nacional de Geografia, setor constituinte do atual Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Além destes, houve ainda 6 autores com três publicações, 13 com duas publicações e 52 com uma publicação.

Modalidade de autoria

Essa categoria visa demonstrar alguma tendência no que tange à produções individuais ou coletivas dos trabalhos publicados no Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul. Os 148 trabalhos publicados foram divididos conforme a quantidade de autores. Foram inseridos na categoria “grupos” trabalhos coletivos que não apresentavam individualmente o nome dos autores.

Percebe-se o amplo predomínio de trabalhos individuais (128 registros, ou 86,5% do total). Os trabalhos coletivos em sua grande maioria tinham autoria de técnicos servidores estaduais.

Número	1 autor	2 autores	3 autores	Grupos	Total por edição
1	4				4
2	4				4
3	3				3
4	7				7
5	10				10
6 & 7	6			1	7
8	9			1	10
9 & 10	14		2		16
11	14	1			15
12	7				7
13	11	1			12
14	4	1			5
15	8	2		3	13
16	8	1			9
17	2	4			6
18	6				6
19	5	1			6
20,21,22,23	6	2			8
<i>Total por quantidade de autores</i>	128	13	2	5	TOTAL = 148

Quadro 3: Quantidade de autores por artigo. Organização: o autor

ALGUNS AUTORES E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Nesta seção, serão destacados alguns autores que tiveram uma maior quantidade de contribuições no Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, demonstra-se um perfil da produção de cada um através de um breve resumo dos trabalhos.

Hans Augusto Thofehn – 12 publicações

Bacharel e Licenciado em Geografia e História, Thofehn especializou-se na área de Cartografia na George Washington University, nos Estados Unidos. Foi servidor no Estado como geógrafo e cartógrafo, além de ter trabalhado como professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Sua tese de livre-docência, chamada “Cibernetização da Geografia” tratou de temas como modelos espaciais e teoria dos conjuntos.

Thofehn foi editor do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul até o volume dos números 9 e 10 (janeiro-dezembro de 1959). Era de sua autoria grande parte dos editoriais que introduziam os respectivos números do Boletim

Em relação às suas contribuições, há dois trabalhos de autoria coletiva publicados no nº 15 que fazem referência à coordenação da equipe por Thoferhrn. Entretanto, como os demais autores não foram listados, optamos por não agregar esses dois artigos ao seu registro de autoria, que é demonstrado a seguir:

Título	Número	Resumo/Temas
Longitude e latitude: Súmula histórica	1	Histórico sobre a localização geográfica
Relatório referente a um estágio nos Estados Unidos da América do Norte	2	Relato de um curso de 14 meses na Universidade e nos departamentos do governo estadunidense.
Dados práticos auxiliares para o calculo de áreas extra poligonais	2	Apresenta fórmulas para os cálculos geométricos e orienta a utilização do planimetro
As maravilhas da fotogrametria	3	Aplicações da fotogrametria: guerra; como instrumento de paz; administração pública; agricultura e no planejamento;
Metodologia: o Método Geográfico na Verificação da História	4	Artigo apresenta o método geográfico na verificação da história, objetivando demonstrar a metodologia de inter-relação sem qualquer pretensão intepretativa das fontes históricas em si. Para isso, o autor realiza uma pesquisa de fatos geográficos determinantes para a fixação da data do êxodo dos “Filhos de Israel” do Egito.
Determinação da intencionalidade, propósito e percurso da viagem de Pedro Álvares de Gouveia (Cábral) ao Brasil pelo método cartográfico	5	Descrição de fatos históricos acerca do descobrimento do Brasil: crítica; caracteres historiográficos; análise das afirmações; ventos, tempestades e calmarias; correntes; instrumentos náuticos da época;
Cidade de Pôrto Alegre	5	Artigo com viés histórico componente da Monografia do Município de Porto Alegre apresentada pelo Curso de Geografia e História da PUCRS
Notas sôbre Geomorfologia Estrutural	6 e 7	Dividido em: Generalidades; A natureza dos continentes; Breve história dos estudos geomorfológicos no Brasil
Valor da Geografia na Educação	9 e 10	Ensino da Geografia; O ambiente sociológico da escola; A psicologia como método para a comprovação das características científicas da Geografia
Bacias Hidrográficas do Rio Grande do Sul (<i>autoria conjunta com Maria Luiza Lessa de Curtis e José Alberto Moreno</i>)	9 e 10	Realiza a classificação geral das principais bacias hidrográficas do estado do Rio Grande do Sul (Bacia do Uruguai e Bacias Atlânticas – do Jacuí e Lagunares/Litorâneas)
Divisão Territorial do Rio Grande do Sul (<i>autoria conjunta com Maria Luiza Lessa de Curtis e José Alberto Moreno</i>)	9 e 10	Dividido em: Conceito de divisão administrativa; Necessidade da Geografia na divisão territorial; Conceito de área; Fatores que compõem uma paisagem geográfica; O problema da análise da paisagem; Análise da posição; Análise da paisagem; Análise das inter-relações; Aplicação dos processos geográficos para o Rio Grande do Sul; O método; Estabelecimento de médias;
Instalação de um complexo Industrial Carboquímico e Indústrias Periféricas em Imbituba S.C.	18	Utiliza análise de modelos em âmbito locacional e natural, além de elementos de clima. Também apresenta a importância e as dificuldades desses fatores locais.

Quadro 4: Publicação de Hans Augusto Thoferhrn. Organização: o autor

José Alberto Moreno – 11 publicações

Geógrafo e servidor do Estado, Moreno trabalhou durante décadas na Divisão de Geografia e Cartografia. Também foi o diretor do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul entre as edições 14

e 19.

Título	Número	Resumo/Temas
Estudo geográfico do litoral sul-riograndense: Praia Atlântida	9 e 10	Histórico; Localização, situação e aspectos físicos; A urbanização de Atlântida; Serviços Públicos; Comércio – Indústria – Diversões; Itinerários e transportes;
Geografia do Campo	9 e 10	Importância do trabalho de campo para a formação do geógrafo, sugerindo a inserção de um número mínimo de excursões de campo e de laboratório.
Bacias Hidrográficas do Rio Grande do Sul (autoria conjunta com Maria Luiza Lessa de Curtis e Hans Augusto Thofehn)	9 e 10	Resumo já apresentado na tabela referente a Hans Augusto Thofehn.
Divisão Territorial do Rio Grande do Sul (autoria conjunta com Maria Luiza Lessa de Curtis e Hans Augusto Thofehn)	9 e 10	Resumo já apresentado na tabela referente a Hans Augusto Thofehn.
Estudo cartogeográfico de cidades (nível colegial)	11	Importância do estudo das principais cidades de países e dos estados brasileiros para os programas de geografia dos cursos ginásial e colegial, enfatizando os principais aspectos a serem estudados, como posição, relevo, população, comunicações. Apresenta alguns exemplos.
Clima do Rio Grande do Sul	11	Dividido em: A denominação do clima do Rio Grande do Sul; Classificações climáticas; Temperatura; Chuvas. Demais fenômenos meteorológicos. Contém tabelas com informações climáticas.
O Pinheiro no Rio Grande do Sul	12	Breve artigo sobre as particularidades e a distribuição espacial do Pinheiro no Rio Grande do Sul.
Breve artigo sobre as particularidades e a distribuição espacial do Pinheiro no Rio Grande do Sul.	15	Objetiva apresentar uma metodologia para escolha das faixas de elaboração de mapas temáticos de densidade (produção ou população) e o enriquecimento das suas informações.
Experiência Didática Numa Colônia do Vale do Taquari	15	Estudo resultante de um trabalho didático realizado com alunos de graduação, em 1971. Entre os objetivos: permitir aos alunos relacionar estudos teóricos com os fatores geo-humanos das localidades; treinar na técnica de preparo e aplicação de questionário em zona rural; e treinar na tabulação de dados e sua interpretação.
Uso da Terra – Vegetação Original e Atual do Rio G. do Sul	15	Trabalho faz um estudo desde a vegetação primitiva até a vegetação atual, explicando as diferentes formas de ocupação, utilização e possibilidades futuras do solo gaúcho.
Pesquisa das Causas dos Diferentes Rendimentos do Fumo	16	Trabalho contém os resultados da primeira pesquisa realizada na U.G.C. utilizando métodos quantitativos através da Análise Fatorial e Computação Eletrônica. A pesquisa teve como hipótese de trabalho que os rendimentos de produção do fumo deveriam variar conforme a capacidade do uso dos solos.

Quadro 5: Publicações de José Alberto Moreno. Organização: o autor

Raymond Pébayle – 8 publicações

Geógrafo oriundo da França, Pébayle chegou ao Brasil em 1961, como professor da Missão Universitária Francesa, tendo permanecido no país durante 10 anos. Sua tese de doutorado, denominada “Eleveurs e agriculteurs du Rio Grande do Sul (Brésil)” foi defendida em 1974 na Université Paris I (Sorbonne). Também atuou como professor em universidades brasileiras (MEDEIROS, 2010). Os artigos de Raymond Pébayle publicados no Boletim Geográfico do Rio

Grande do Sul foram originalmente escritos em idioma estrangeiro e posteriormente traduzidos para o português.

Título	Número	Resumo/Temas
O Instituto de Geografia de Paris: Organização, Posição e Tendência no Quadro da Geografia Francesa	12	Traz um panorama sobre a instituição.
A Rizicultura Irrigada no Rio Grande do Sul	14	Artigo transcrito do Boletim Mineiro de Geografia, nº 10 e 11, julho 1965. Destaca as consequências da valorização da rizicultura no Rio Grande do Sul, destacando s transformações sociais e regionais. Artigo fartamente ilustrado
Geografia Rural das Novas Colônias do Alto Uruguai	14	Artigo publicado no Bouulletin de L'Association de Géographes Français nº 350-351, janeiro-fevereiro de 1967. Divide-se em: Paisagens rurais e sistemas de cultura; Uma sociedade rural em crise; O pêso de um isolamento;
A Vida Rural na “Campanha” Rio Grandense	14	Dividido em: Explorações e técnicas pecuárias; A estância gaúcha: uma exploração lucrativa, uma vida menos isolada; A agricultura na Campanha; Conclusões: os problemas da Campanha, região fronteira da pecuária extensiva
O Centro do Planalto Rio-Grandense: Uma região em Mutação	14	Artigo extraído da revista “Les Cahiers d'outre-Mer”, Tomo XXIII, nº 90. abril-junho 1970. Dividido em: A decadência da pecuária tradicional; A inovação: a grande fazenda mecanizada do campo; Os princípios de uma mutação profunda.
Os Viticultores do Rio Grande do Sul	16	Dividido em: Pequenos viticultores e vinhedos de massa; Viticultores e vinificadores; Uma vida rural que sai do isolamento
A expansão da agricultura na região de criação de gado do Planalto Rio-Grandense	17	Estudo objetiva confirmar a expansão da agricultura nos campos do planalto rio-grandense e conhecer a maneira como se processo a fixação dos granjeiros. Há um modelo de questionário como anexo.
Os difíceis encontros de duas Sociedades Rurais	18	Relata as particularidades de criadores luso-brasileiros dos campos e de policultores das florestas. Dividido em: Trocas de bens e serviços; Mudanças de contato nos campos com capões e com matas; A expansão das colônias agrícolas nos limites do campo; As cidades do campo: agentes da aculturação e das mudanças rurais.

Quadro 6: Publicações de Raymond Pébayle. Organização: o autor

Nilbiamater Silsear Berlese Handschunch – 8 publicações

Geógrafa e servidora estadual, também foi professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Suas pesquisas e publicações tinham ênfase na área de Ensino de Geografia.

Título	Número	Resumo/Temas
Contribuição a Metodologia do Estudo do Habitat Rural: Bagé (<i>autoria conjunta com Flavia La Salvia</i>)	14	Artigo contém grande quantidade de fotografias e mapas e desenhos esquemáticos. Realiza uma classificação no aspecto qualitativo e quantitativo do habitat rural
Conteúdo e Metodologia em Geografia	16	Trabalho orientado para exploração de conteúdos geográficos quanto a sua utilização em situação de aula-laboratório, exploração e informação de aplicação em termos de geografia do Rio Grande do Sul.
Processo de colonização no Rio Grande do Sul (<i>autoria conjunta com Flavia La Salvia</i>)	17	Realiza um histórico da colonização do RS. Apresenta diferentes padrões de distribuição de lotes, por exemplo: Padrão Caxias, Padrão Santa Cruz, Padrão Ijuí, entre outros. Também apresenta tabelas com os municípios e suas respectivas colônias, além de fotografias aéreas e plantas.
Conteúdo e metodologia em Geografia (segundo artigo de uma série)	17	Continuação de artigo publicado no nº 16. Apresenta modelos de planos de aula
Estratégias para o processo de ensino – aprendizagem em Geografia	18	Terceiro artigo da série iniciada no número 16. Apresenta temáticas inerentes ao ensino de Geografia e estratégias para abordagem em sala de aula.
O professor de Geografia e a seleção dos procedimentos didáticos	19	Destaca a importância da escolha de determinadas técnicas para aplicação em situações de sala de aula.
Região Metropolitana de Porto Alegre	20-23	Apresenta a base legal para a formação da RMPA, além de características gerais da região. Realiza uma análise dos municípios da RMPA através de quadros referenciais. Por fim, apresenta um prognóstico de desenvolvimento para a RMPA.
Municípios que integram as sub-bacias dos rios Jacuí, Vacacaí e Taquari-Antas (<i>autoria conjunta com Ilza Lopes Peres</i>)	20-23	Trabalho foi feito como subsídio para o Comitê Executivo de Estudos Integrados da Bacia do Guaíba, no qual foi elaborado um modelo de listagem para os dados, onde figuram os seguintes indicadores: sub-bacias, segmentos, municípios e percentagem estimada da área. Apresenta relação dos municípios que integram cada um dos segmentos dos rios, conforme as sub-bacias, em forma de tabela.

Quadro 7: Publicações de Nilbiamater Silsear Berlese Handschunch. Organização: o autor

REATIVAÇÃO DO BOLETIM GEOGRÁFICO E PERSPECTIVAS NO CONTEXTO DO ACESSO ABERTO A PERIÓDICOS ELETRÔNICOS

A reativação do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul facilita o registro público do conhecimento geográfico e cartográfico e potencializa a sua disseminação e preservação através da digitalização e publicação na Internet de seus números anteriores. Essa ação permite um resgate dos conteúdos divulgados ao longo da história da publicação, possibilitando compreender os diferentes tipos de produção geográfica e nas áreas afins no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1950 e 1970.

Sua reativação também proporciona mais um canal que permitirá a publicação de pesquisas e de artigos técnicos que envolvam estudos, reflexões e experiências sobre a questão espacial no

Rio Grande do Sul. No que tange aos órgãos estaduais, a publicação visa também facilitar o processo de comunicação e divulgação da produção local através do periódico.

O formato resgata as características das primeiras edições, priorizando não apenas a divulgação dos artigos científicos e técnicos, mas também a exposição de notícias, eventos, sugestões de publicações, mapas históricos, entre outros. Essas seções incrementam a publicação, diferenciando-a da grande maioria dos periódicos científicos, que enfocam apenas a divulgação de artigos e resenhas.

No contexto de um alcance cada vez mais amplo facilitado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação, em que há uma maior facilidade de difusão a custos cada vez menores, o BGRS se insere em um ambiente de crescente relevância do acesso aberto para a comunicação científica e técnica. Trata-se de uma radical democratização do acesso ao conhecimento produzido por universidades, órgãos públicos, pesquisadores e técnicos, fato que também simboliza uma mudança de paradigma, ou seja, uma ampliação dos periódicos abertos e gratuitos em detrimento de periódicos com assinaturas anuais.

Os preceitos inerentes ao acesso aberto da informação científica são expressos na “Declaração de Salvador sobre Acesso Aberto”, documento organizado pelos participantes do International Seminar on Open Access for Developing Countries, realizado em Salvador (BA) em 2005:

1. A pesquisa científica e tecnológica é essencial para o desenvolvimento social e econômico.
2. A comunicação científica é parte crucial e inerente das atividades de pesquisa e desenvolvimento. A ciência se desenvolve de forma mais eficaz quando há acesso irrestrito à informação científica.
3. Em uma perspectiva mais ampla, o Acesso Aberto favorece a educação e o uso da informação científica pelo público.
4. Em um mundo crescentemente globalizado, no qual a ciência proclama ser universal, a exclusão do acesso à informação é inaceitável. É importante que o acesso seja considerado um direito universal, independente de qualquer região geográfica.
5. O Acesso Aberto deve facilitar a participação ativa dos países em desenvolvimento no intercâmbio mundial de informação científica, incluindo o acesso gratuito ao patrimônio do conhecimento científico, a participação efetiva no processo de geração e disseminação do conhecimento, e a ampliação da cobertura de temas de relevância para os países em desenvolvimento.
6. Os países em desenvolvimento são pioneiros em iniciativas de Acesso Aberto e, portanto, desempenham função essencial na configuração do cenário de Acesso Aberto em âmbito mundial (INTERNATIONAL SEMINAR ON OPEN ACCESS FOR DEVELOPING COUNTRIES, 2005).

Diante das atribuições conferidas à SEPLAG pela Lei 14.053/2012, referentes à coordenação de políticas relativas à Geografia e à Cartografia do Estado do Rio Grande do Sul, a reativação da publicação se constitui em importante ação para uma maior divulgação do trabalho produzido pelas instituições e pelos servidores estaduais. Além disso, o Boletim também se constitui em um canal de divulgação de trabalhos para a comunidade interessada, desde que as contribuições atendam aos critérios estabelecidos em sua política editorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se pela frente um grande desafio de retomar uma publicação que foi referência no campo da Geografia durante seu período de existência. Valendo-se da ideia de que é necessário conhecer o passado para projetar o futuro, este artigo tentou demonstrar um pouco do perfil do Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, analisando o seu contexto de criação, as características de suas publicações e seus principais autores, ao mesmo tempo em que se projetam perspectivas para os próximos anos, levando em conta as características contemporâneas no que tange a produção e divulgação de trabalhos técnicos e científicos.

O caráter imparcial, sem qualquer tipo de vínculo com algum grupo político ou gestão de governo, valoriza a autonomia e a liberdade de expressão dos autores como características de sua política editorial. Sendo assim, a diversidade de opiniões e posições ideológicas é respeitada e preservada, desde que possuam caráter científico e/ou técnico, sendo dos autores a responsabilidade pelas considerações publicadas em suas contribuições.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: Edusp, 1994, pp. 199-322

ALUNOS DO CURSO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA DA PUCRS. O Rio São Francisco – Aspectos Geo-Humanos da Bacia. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 6, n. 6 e 7, pp.42-79, jan.-jun. 1958.

BUSATTO, Dionízio. Rumo ao Rio das Antas. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre**, v. 5, n. 5, pp. 12-15, set. 1957.

CHELOTTI, Marcelo. (Re)Visitando a Geografia Agrária de Raymond Pébayle: interpretações sobre o espaço agrário gaúcho. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, Uberlândia, v.2, n.

4, p. 38-61, ago. 2007.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. Resolução nº 18, da Assembleia Geral do Conselho Nacional de Geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-8, jan. 1939.

EVANGELISTA, Hélio. Conselho Nacional de Geografia. **Revista Geo-Paisagem**, v. 21, p. 1-16, 2012.

FAGUNDES, Mário Calvet. Passo Fundo – Estudo geográfico do Município. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 10, n. 12, pp. 14-36, jul.-dez. 1961

HAUSMAN, Abrão. Aspectos da geografia urbana de Pôrto Alegre. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 10, n. 12, pp. 39-55, jul.-dez. 1961

HERRMANN, Curt. Logaritmos. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 59-64, mai.-jun. 1956.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **O IBGE**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/eventos/missao/instituicao.shtm>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2014.

INTERNATIONAL SEMINAR ON OPEN ACCESS FOR DEVELOPING COUNTRIES, 1., 2005, Salvador. **Declaração de Salvador sobre Acesso Aberto: a perspectiva dos países em desenvolvimento**. Salvador, 2005, 1p. Disponível em: <<http://www.icml9.org/public/documents/pdf/pt/Dcl-Salvador-AcessoAberto-pt.pdf>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2014.

JUVÊNCIO, Irmão. A Bacia Hidrográfica do Arroio Dilúvio. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 6, n. 6 e 7, pp. 87-95, jan.-jun. 1958.

_____. Os altiplanos de São Francisco de Paula. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 8, n. 9 e 10, pp. 40-41. jan.-dez. 1959.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Homenagem Póstuma ao Professor Raymond Pébayle. **Confins [Online]**. n. 9. 2010. Disponível em: <<http://confins.revues.org/6536>>. Acesso em 10 de março de 2014.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Notas sobre Identidade Nacional e Institucionalização da Geografia. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, pp. 166-176, 1991.

MORENO, José Alberto. Estudo geográfico do litoral sul-riograndense: Praia Atlântida. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 8, n. 9 e 10, pp. 31-39, jan.-dez. 1959.

_____. Experiência Didática Numa Colônia do Vale do Taquari. **Boletim Geográfico do Estado**

do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 13, n. 15, pp. 35-38, jan. dez. 1972.

_____. Pesquisa das caudas dos diferentes rendimentos do fumo. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 14, n. 16, pp. 78-93, jan. dez. 1973.

PACHECO, Maria Fagundes de Souza Docca. Plano de estudo de monografias municipais. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 9, n. 11, pp. 45, jan.-jun. 1961

REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa & CAMARGO, José Carlos Godoy. Neopositivismo na Geografia Brasileira: parafraseando o pensamento de Speridião Faissol (1923-1995). In.: GERARDI, Lúcia Helena. (Org.). **Ambientes: estudos de Geografia**. Rio Claro: PPG UNESP / AGETEO, 2003. p. 223-234.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n. 14.053, de 23 de julho de 2012. Introduz modificações na Lei nº 13.601, de 1º de janeiro de 2011, que dispõe sobre a estrutura administrativa do Poder Executivo do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, RS, ano. LXX, n. 142, 24 jul. 2012.

THOFEHRN, Hans Augusto. Cidade de Pôrto Alegre. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, pp.69-75, set. 1957.

VALVERDE, Orlando. Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul. **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, pp. 25-53, ago. 1955.